

## O PAPEL DO PARATEXTO NO ESTUDO DA DINÂMICA TOPONÍMICA

Iago Gusmão Santiago (UEFS)

[gusmaoiago@gmail.com](mailto:gusmaoiago@gmail.com)

Liliane Lemos Santana Barreiros (UEFS)

[lilianebarreiros@uefs.br](mailto:lilianebarreiros@uefs.br)

### RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo da dinâmica toponímica realizada a partir dos textos de Eulálio Motta, publicados em cinco periódicos baianos, *Mundo Novo*, *O Lidador*, *O Serrinhense*, *Vanguarda* e *Gazeta do Povo*, entre os anos de 1931 e 1961. Os jornais, na condição de suportes multitextuais, sempre apresentam um texto na companhia de uma diversidade de outros textos com temáticas e autores distintos. Esses paratextos são extremamente interessantes tanto do ponto de vista filológico, pois auxiliam na compreensão de aspectos sociológicos do texto editado, quanto do ponto de vista linguístico, já que possibilitam a análise linguística contrastiva. Assim, discute-se sobre aspectos da variação e da mudança toponímica, tomando como base os textos do escritor Eulálio Motta, por meio do contraste com dados documentados em outros textos também publicados nos periódicos e dados oficiais apresentados pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE). A discussão está fundamentada na teoria do paratexto (GENETTE, 1989 [1962]; 2009 [1987]; ALVARADO, 1994), nos estudos toponímicos (DICK, 1990; 1992; TRAPERO, 1995), entre outros. A análise realizada permitiu discutir dados oficiais apresentados pelo IBGE (1968), bem como um processo de variação toponímica documentado na década 1950 no jornal *O Serrinhense*.

### Palavras-chave:

Paratexto. Periódicos. Toponímia. Eulálio Motta.

### RESUMEN

El presente trabajo se trata de un estudio de la dinámica toponímica realizada a partir de los textos de Eulalio Motta, publicados en cinco periódicos de *Bahia*, *Mundo Novo*, *O Lidador*, *O Serrinhense*, *Vanguarda* e *Gazeta do Povo*, entre los años de 1931 y 1961. Los periódicos, en la condición de soportes multitextuales, siempre presentan un texto en compañía de una diversidad de otros textos con temáticas y autores distintos. Esos paratextos son extremadamente interesantes tanto del punto de vista filológico, pues auxilia en la comprensión de aspectos sociológicos del texto editado, cuanto del punto de vista lingüístico, ya que posibilitan el análisis lingüístico contrastivo. Así, en el presente trabajo, se discute sobre aspectos de la variación y cambio toponímico, tomando como base los textos del escritor Eulálio Motta, por medio del contraste con datos documentados en otros textos también publicados en los periódicos y datos oficiales presentados por el *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE). La discusión está fundamentada en la teoría del paratexto GENETTE, 1989, [1962]; 2009 [1987]; ALVARADO, 1994), en los estudios toponímicos (DICK, 1990; 1992; TRAPERO, 1995), entre otros. El análisis realizado permitió discutir datos oficiales pre-

sentados por el IBGE (1968), bien como un proceso de variación toponímica documentado en la década de 1950 en el periódico *O Serrinhense*.

**Palabras clave:**

**Paratexto. Periódicos. Toponímia. Eulálio Motta.**

## **1. Introdução**

Eulálio Motta (1907–1988) foi um intelectual natural do município de Mundo Novo-BA. Formou-se em farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1933, atuou como jornalista, contribuindo com diversos periódicos baianos, tais como o jornal *Mundo Novo*, *O Lidador*, *O Serinhense*, *Vanguarda* e *Gazeta do Povo*, e na política, chegando a candidatar-se a deputado estadual no ano de 1947. Iniciou sua carreira como escritor ainda muito jovem, na década de 1920, e, desde então, passou a dedicar-se à literatura, publicando três livros de poesia, intitulados *Ilusões que Passaram* (1931), *Alma Enferma* (1933) e *Canções do Meu Caminho* (1948 e 1983).

O escritor constituiu ao longo da vida um acervo pessoal que abrange documentos literários éditos e inéditos, em versões finais e inacabadas, por exemplo, sonetos, crônicas, trovas, cordéis, causos, e documentos pessoais variados, como fotografias, diplomas, postais, cadernos, contendo anotações pessoais e borradores de cartas. Esses documentos funcionam como indícios históricos que preservam a memória do escritor e da sociedade em que estava inserido, assim como servem também de base para a elaboração de narrativas que permitem resgatar essa memória, além de serem fontes para o estudo da língua da época. Considerando esses e outros fatores, o projeto de pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução N° 128/2008 e N° 070/2016) se propôs a editar os textos do acervo para a publicação em meio impresso e digital. As edições realizadas seguem o rigor científico da filologia e, por conta disso, preservam tanto a língua que constitui o texto como as características relativas à sua materialidade, que também fazem parte de sua sócio-história.

A diversidade de documentos que se encontram no acervo são de extrema importância para os estudos linguísticos, em especial para os estudos lexicais, pelo fato de preservarem um acervo lexical bastante variado. Por conta disso, inúmeras pesquisas envolvendo lexicologia e lexicografia estão sendo desenvolvidas a partir do acervo, no âmbito do projeto *Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE,

Resolução n. 137/2017). Os trabalhos desenvolvidos abrangem diversas perspectivas dos estudos lexicais como: análise das unidades fraseológicas, dos vocabulários específicos, da toponímia e da antroponímia.

Neste trabalho, apresenta-se um recorte de uma pesquisa em andamento intitulada *Estudo da dinâmica toponímica nos textos jornalísticos de Eulálio Motta*, realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que busca descrever os aspectos de variação e mudança toponímica registrados nos 140 textos publicados pelo escritor nos periódicos *Mundo Novo* (1931–1933), *O Lidador* (1933–1942), *O Serrinhense* (1950–1951), *Vanguarda* (1955–1956) e *Gazeta do Povo* (1960–1961). Para tanto, recorre-se a uma abordagem interdisciplinar entre filologia e toponomástica, considerando o método filológico da análise paratextual para a constituição do *corpus toponymicum*. Como exemplo, apresenta-se os resultados parciais do estudo dos topônimos *Camisão* e *Ipirá*.

## 2. *O paratexto e o estudo de documentos*

A filologia ocupa-se do estudo sociológico de documentos, considerando os seus diversos códigos componentes: linguísticos, materiais e contextuais. Uma das suas tarefas elementares é a preservação do patrimônio documental das sociedades, que pode ser feita de diversas formas, seja pela transcrição de textos e a preparação de edições filológicas, seja pela descrição e construção de uma narrativa historiográfica das práticas culturais de escrita. Segundo Barreiros (2017):

O filólogo não é propriamente um historiador, mas ele opera com todos os instrumentos que a história oferece, pois se debruça sobre o texto com o fim de interpretá-lo, de compreender sua relação com a sociedade, com os sujeitos que o manipularam (as mãos que o escreveu, imprimiu, leu, guardou etc.). Ele atua no espaço histórico, não apenas quando lida com o texto, mas, sobretudo quando compõe uma narrativa historiográfica com o objetivo de contextualizá-lo. As introduções e tratados sobre a história da transmissão do texto, a contextualização dos meios de produção, circulação e apropriação são exercícios historiográficos empreendidos pelo filólogo. (BARREIROS, 2017, p. 402)

Para abordar o documento desde uma perspectiva sociológica e cultural, a filologia deve transcender a atividade hermenêutica e observar a sua constituição material. As pistas deixadas na dimensão material dos documentos revelam muitos aspectos sobre os modos como foram produzidos e consumidos. Dessa forma, mesmo que os instrumentos usados

na cultura manuscrita ou impressa sejam iguais em diversos lugares, ou ao menos semelhantes, haverá sempre um reflexo das condições de trabalho e da forma de pensar de cada grupo social que os utiliza, ou seja, haverá um contexto social, cultural e histórico condicionando as práticas de escrita. A busca por outras fontes também possibilitam a ampliação dos conhecimentos sobre os contextos sócio-históricos que geraram um documento. É função da filologia compreender os contextos de produção, circulação e apropriação dos documentos e explorar esses conhecimentos na preparação de edições.

Um dos caminhos para o estudo dos documentos é a análise dos paratextos. A paratextualidade, segundo Genette (1989 [1962]), é uma das modalidades de transtextualidade que, por sua vez, consistem em relações manifestas ou secretas de um texto com outro. O que distingue o paratexto das demais relações transtextuais é a sua existência em função da recepção, tornando-se “entre o texto e o extratexto uma zona não apenas de transição, mas também de *transação*” (GENETTE, 2009 [1987], p. 10, grifo do autor). Nesse sentido, o paratexto inclui um conjunto diversificado de elementos que se agregam ao texto para atribuir-lhe seu *status* textual, atendendo às estruturas construídas socialmente em uma determinada cultura escrita. Segundo Alvarado (1994, p. 18), o paratexto pode ser definido como um dispositivo pragmático que “por uma parte, predispõe – o condiciona – para la lectura y, por otra, acompaña en el trayecto, cooperando con el lector en su trabajo de construcción – o reconstrucción – del sentido<sup>1</sup>”.

Os paratextos podem ser constituídos por elementos linguísticos, e. g. títulos, notas, glossários, prefácios, ou elementos não verbais, e. g. as ilustrações, a formatação, o *layout*. A composição material do texto, como o uso de uma determinada fonte e de um tamanho específico, possui a função de apresentar o texto verbal, de assegurar uma forma de recepção, estando, portanto, na zona fronteira entre o texto e o paratexto. Assim, um mesmo texto verbal, será apresentado em formatos distintos a depender da época e do objetivo da sua (re)publicação. Conforme ressalta Alvarado (1994):

Un mismo texto puede asumir ‘formas’ (diseños) distintos, sin que el contenido del mismo se modifique sustancialmente. Estos aspectos mor-

---

<sup>1</sup> Tradução: por uma parte, predispõe – ou condiciona – para a leitura e, por outra, acompanha no trajeto, cooperando com o leitor em seu trabalho de construção – ou reconstrução – do sentido.

fológicos constituyen un ‘plus’ que se agrega al texto para facilitar la lectura o para favorecer un tipo de lectura que interesa al autor propiciar. Se trata, entonces, de *elementos paratextuales*, auxiliares para la comprensión del texto<sup>2</sup>. (ALVARADO, 1994, p. 18) (grifo da autora)

Genette (2009 [1987]) divide os paratextos em duas categorias: os peritextos e os epitextos. Os peritextos são elementos que figuram no entorno imediato do texto e se encontram condicionados ao controle de editores, ilustradores, impressores. Os peritextos, segundo o autor, localizam-se “em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas (GENETTE, 2009 [1987], p. 12). Por outro lado, os epitextos, consistem em elementos que não compartilham, em princípio, o mesmo suporte material com o texto:

[é] epitexto todo elemento paratextual que não se encontra anexado ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente ilimitado. (GENETTE, 2009 [1987], p. 303)

No caso dos jornais, na condição de suportes multitextuais, publica-se de forma conjunta uma variedade de textos produzidos por autores distintos em um mesmo número. Esses textos, apesar de não terem sido produzidos para a apresentação de um texto específico, compartilham as mesmas páginas mediante critérios de seleção determinados pela equipe editorial. Assim, os textos jornalísticos contidos em um mesmo número devem ser pensados também como peritextos uns dos outros, já que são agrupados e publicados tendo em vista a recepção do produto final pelo público leitor. Igualmente, os textos publicados em outros números do jornal elucidam aspectos sobre ele, seu perfil ideológico, seu estilo, e também podem trazer informações importantes sobre a produção e a vida de seus contribuintes, podendo ser observados como epitextos, ainda que o vínculo estabelecido geralmente não seja intencional.

Os paratextos jornalísticos são extremamente interessantes tanto do ponto de vista filológico, quanto do ponto de vista linguístico. Do ponto de vista filológico, cabe destacar a contribuição para a compreensão da cultura tipográfica de um lugar, por meio do estudo dos anúncios,

---

<sup>2</sup> Tradução: Um mesmo texto pode assumir ‘formas’ (*designs*) distintas, sem que o conteúdo do mesmo se modifique substancialmente. Esses aspectos morfológicos constituem um ‘plus’ que se agrega ao texto para facilitar a leitura ou para favorecer um tipo de leitura que interessa ao autor propiciar. Trata-se, então, de *elementos paratextuais*, auxiliares para a compreensão do texto.

dos temas das publicações, das notas, avisos e demais textos publicados pelos seus editores. Do ponto de vista linguístico, permite a realização de uma pesquisa que demonstre aspectos variacionais da língua, a partir da análise de textos publicados por diversos autores, e o acesso a dados complementares para uma interpretação mais abrangente dos fenômenos linguísticos.

### **3. A toponomástica e a dinâmica toponímica**

A toponímia consiste no conjunto historicamente constituído de topônimos, os nomes de lugar, que recobre um determinado território. Esse inventário lexical geralmente apresenta semelhanças internas, compartilhando uma identidade determinada por fatores geográficos, sociais, históricos e linguísticos, não podendo ser compreendido a partir de análises isoladas ou dissociadas da averiguação de elementos externos à língua. Apesar de haver uma certa tendência motivadora na escolha dos topônimos de um determinado lugar, quanto maior for um território, maior será a quantidade das suas formas de nomear e mais difícil será precisar os padrões de nomeação. Essa tendência seguida na nomeação dos lugares constituem os arquétipos toponímicos, enquanto os desvios dos padrões de nomeação de um território, as variáveis toponímicas (DICK, 1992). Em um país como o Brasil, devido a sua grande extensão territorial e a sua diversidade linguística e sócio-cultural, a descrição precisa dos padrões de nomeação se torna uma atividade altamente complexa. Todavia, algumas características se mostram mais evidentes, como a predominância de uma nomenclatura de caráter descritivo (DICK, 1992).

É função da toponomástica, subdisciplina da onomástica, por meio da descrição e análise da toponímia de um lugar, determinar as tendências designativas bem como as especificidades da sua nomenclatura, apontando os arquétipos e as variáveis toponímicas. A partir de então, se buscará também observar as influências externas à nomeação por meio do estudo do meio motivador, que, segundo Dick (1992), poderá levar, em um último momento, a decifrar à intencionalidade do denominador. Segundo a autora:

[...] o conhecimento preliminar dos designativos de lugares representa apenas a primeira etapa de estruturação mais ampla e completa [...] na realidade, são os locativos que irão fornecer os elementos conclusivos de análise imprescindíveis aos dados conclusivos que se pretenda estabelecer (DICK, 1990, p. 21)

Ao explicar os padrões toponímicos de um dado território, a toponomástica não realiza apenas um estudo etimológico dos lugares, mas histórico, geográfico, social e cultural do processo de nomeação, o que lhe outorga o *status* de transdisciplina. Esse aspecto foi, durante muito tempo, o responsável pelos problemas de filiação disciplinar da toponomástica, visto que se acreditava que as questões de pesquisa referentes à toponímia poderiam ser resolvidas por outras áreas do conhecimento. Ao observar a questão mais atentamente, constata-se que não há como esgotar a complexidade da toponímia por meio das teorias e métodos de apenas uma área do conhecimento, sendo impossível separar o fenômeno do enfoque transdisciplinar. No entanto, cabe destacar que, apesar de dialogar com diversas outras ciências, ao debruçar-se sobre o seu objeto de estudo, a toponomástica filia-se indiscutivelmente à linguística, tanto pela toponímia ser um fato do sistema das línguas (DICK, 1990), quanto por ser o nome de lugar, ou seja, o dado de língua, o principal ponto de partida para os estudos toponímicos.

Dentre as questões centrais da toponomástica, encontra-se a necessidade em discutir as especificidades do topônimo dentro da estrutura lexical de uma língua, ou seja, a articulação de uma teoria linguística do topônimo, bem como as questões teóricas e metodológicas da pesquisa aplicada à toponímia de um território. Para Trapero (1995), os problemas verdadeiramente linguísticos da toponímia devem ser buscados no comportamento de seus componentes. No plano da expressão, o autor destaca a procedência lexical, os fenômenos fonéticos e morfológicos, para a realização de uma análise formal e funcional do topônimo, enquanto no plano do conteúdo,

[...] la toponimia plantea problemas teóricos importantes relacionados con su condición de nombres propios, con el tema de la designación / significación, con la arbitrariedad / motivación del signo lingüístico, con la particularidad de un léxico que tiene la referencia a la geografía como 'función primaria' (*montaña, valle, río*) frente a otro léxico que es toponímico sólo en una 'función secundaria' (*lomo, morro, mesa*), y con la determinación del significado a partir de estructuras semánticas dialectales, entre los problemas más importantes (TRAPERO, 1995, p. 22).

A análise dos motivos para a classificação taxonômica dos topônimos tem sido um dos âmbitos mais profícuos dos estudos toponímicos no Brasil. O modelo aplicado no território brasileiro foi o desenvolvido por Dick (1990; 1992), a partir da proposta sistematizada por Stuart (1954) para o domínio estadunidense. Na proposta, a autora justifica a necessidade de adaptação pelo fato das *taxes* apresentadas pelo autor

exigirem um contínuo retorno ao passado histórico e propõe uma classificação taxonômica que permite observar as influências do ambiente no processo de nomeação numa abordagem sincrônica. Segundo Dick (1990):

É, pois, na realidade circundante, ou no chamado universo ambiental em que o homem se organiza, individual e comunitariamente, que se encontram as influências positivas ou negativas de sua própria experiência cultural, no mais amplo sentido. (DICK, 1990, p. 61)

Dessa forma, Dick (1990; 1992) apresenta uma forma mais objetiva de classificação toponímica, partindo do aspecto semântico do signo toponímico, ainda que, em muitos casos os aspectos semânticos necessitem ser complementados por questões de caráter histórico e cultural. O modelo apresentado pela autora inclui 27 *taxes*, 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural. As *taxes* elaboradas seguem uma tendência de classificação onomástica de tradição europeia, por meio da junção de um ou mais radicais, de origem grega ou latina, que especificam a classe genérica, e.g., *fito-*, *lito-*, *geo-*, *geomorfo-*, com o termo ‘topônimo’ (Cf. Tabela 1). O modelo de Dick (1990; 1992) passou por diversas ampliações ao longo do desenvolvimento da pesquisa no Brasil, agregando outras *taxes*, como os acrônimo topônimos, referentes às siglas, higiétopônimos, relacionados a higiene etc. (FRANCISQUINI, 1998), e sub*taxes*, como os animotopônimos eufóricos, com conotação positiva, e disfóricos, com conotação negativa (ISQUERDO, 1996).

Tabela 1: Modelo taxonômico de Dick (1990; 1992).

<b>Natureza</b>	<b>Taxonomia</b>	<b>Abrangência</b>
<b>Física</b>	Astrotopônimos	Relativos a corpos celestes
	Cardinotopônimos	Relativos a posições geográficas
	Cromotopônimos	Relativos à escala cromática
	Dimensiotopônimos	Relativos a características dimensionais
	Fitotopônimos	Topônimos de índole vegetal
	Geomorfotopônimos	Relativos a formas topográficas
	Hidrotopônimos	Resultantes de acidentes hidrográficos
	Litotopônimos	Topônimos de índole mineral
	Meteorotopônimos	Relativos a fenômenos atmosféricos
	Morfotopônimos	Relativos a formas geométricas
	Zootopônimos	Topônimos de índole animal
<b>Antropocultural</b>	Animotopônimos	Relativos à vida psíquica

Antropotopônimos	Relativos a nomes próprios individuais
Axiotopônimos	Relativos a títulos e dignidades
Corotopônimos	Relativos a nomes de cidades, estados, países etc.
Cronotopônimos	Que encerram indicadores cronológicos
Ecotopônimos	Relativos a habitações de um modo geral
Ergotopônimos	Elementos da cultura material
Etnotopônimos	Relativos a elementos étnicos
Dirrematopônimos	Frases ou enunciados linguísticos
Hierotopônimos	Relativos a nomes sagrados de diferentes crenças.
Historiotopônimos	Relativos a movimentos de cunho histórico-social
Hodotopônimos	Relativos a vias de comunicação rural ou urbana
Númerotopônimos	Relativos a adjetivos numerais
Poliotopônimos	Constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade etc.
Sociotopônimos	Relativos a atividades profissionais
Somatopônimos	Relativo a partes do corpo humano

Pelo fato de estabelecer uma relação direta com o lugar nomeado, o topônimo apresenta uma forte tendência a fossilizar-se, sendo transmitido por gerações de falantes, como também de um sistema linguístico a outro, tornando-se uma rica herança linguística e cultural. A toponímia de um lugar é capaz de preservar aspectos linguísticos dos diversos estratos formadores de uma língua, sendo uma valiosa fonte para a linguística histórica. Além disso, os topônimos preservam “ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo povo que a habitou, em caráter definitivo ou temporário” (DICK, 1990, p. 42). Todavia, conforme ressalta Trapero (1995):

[...] la toponimia posee una fijación muy superior a la del léxico común porque su función única es la referencial, pura nomenclatura en la que se une un nombre a la designación de un lugar; pero fijeza no quiere decir inmovilidad, pues también sobre los significantes de los topónimos operan determinados cambios que hacen más difícil aún su interpretación en cuanto más tiempo pase sobre él. (TRAPERO, 1995, p. 190-1)

A mudança toponímica pode acontecer na estrutura do significante, por meio de diversos processos de mudança fonética. Essas mudanças se dão no uso dos topônimos pelos falantes que, muitas vezes, terminam por fixar a forma mais inovadora, como ocorreu com *Carnaíba* (município-

pio, BA)<sup>3</sup>, proveniente de carnaúba, espécie de palmeira originária do Nordeste do país. Outra mudança que atinge o significante toponímico é a de caráter morfológico. Nesses casos, o topônimo pode perder um de seus itens integrantes, uma mudança por redução, *Nossa Senhora da Conceição de Mundo Novo*>*Mundo Novo* (município, BA), ou por expansão, em que são incluídos novos itens ao sintagma, *Feira*>*Feira de Santana* (município, BA).

Mas é no processo de renomeação que reside a questão mais complexa da mudança toponímica. Para explicar a mudança de um topônimo por meio da renomeação é necessário recorrer aos dados históricos e debruçar-se, para além da análise das transformações dos aspectos físicos e antropológicos, sobre as questões de caráter social, político e ideológico que, muitas vezes condicionam este processo. Um olhar atento sobre as relações entre a toponímia popular e a toponímia oficial, do caráter espontâneo da primeira e da tendência deliberativa e normatizante da segunda, revela aspectos importantes para a interpretação da mudança ou permanência de um topônimo. Dessa forma, um topônimo pode permanecer ou mudar a depender da aceitação dos falantes, bem como pode permanecer ou mudar pela intervenção do poder dominante.

A toponímia também pode variar e esta variação pode estar relacionada a questões identitárias, pela não aceitabilidade de mudanças impostas pelos órgãos oficiais, *Salvador ~ Bahia* (capital, BA), ou a questões intrínsecas aos processos dinâmicos de uso da língua, como as variantes morfológicas, largo *Terreiro de Jesus ~ Terreiro* e avenida *Sete de Setembro ~ avenida Sete* (Centro Histórico, Salvador-BA), e fonéticas, *Tanquinho ~ Tanquim* (município, BA), que geralmente convivem com as formas de nomeação oficial. Assim, a variação toponímica surge por razões semelhantes às da mudança toponímica, dos fatores linguísticos que condicionam as mudanças lexicais de um modo geral e dos conflitos identitários entre a toponímia oficial e a toponímia popular. Além de descrever os arquétipos e as variáveis toponímicas de um território, é função da toponomástica decifrar a dinâmica toponímica, registrando os diversos designativos atribuídos a um mesmo *designatum*, apresentando os processos de variação e mudança na toponímia de um território.

---

<sup>3</sup> Exemplos aqui utilizados foram tirados de Dick (1990), Barreiros e Barreiros (2016) e Santiago (2018), IBGE (1968).

#### 4. A dinâmica dos designativos de Ipirá-BA

Para o estudo da dinâmica toponímica é necessária uma aproximação à filologia, visto que é indispensável à preparação de um *corpus* confiável a partir de documentos remanescentes do passado. O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi constituído a partir de cinco periódicos em que o escritor Eulálio Motta era colaborador, publicando textos em prosa e poemas: *Mundo Novo* (1931–1933), *O Lيدador* (1933–1942), *O Serrinhense* (1950–1951), *Vanguarda* (1955–1956) e *Gazeta do Povo* (1960–1961). Foram transcritos um total de 140 textos, de autoria de Eulálio Motta e de terceiros cuja temática está relacionada ao escritor, submetidos a um plano de revisão e adaptados para a inserção no programa *Ant-Conc*, utilizado para a análise linguística.

Nos textos foi possível observar os processos dinâmicos de variação e mudança no uso dos topônimos de municípios baianos que ainda não foram satisfatoriamente descritos. Esses processos não se encontram documentados nos históricos apresentados pelos órgãos oficiais que, além de considerar apenas o histórico presente em leis sancionadas, desconsideram a possibilidade de variação sistemática e mudança gradual, extremamente relevantes do ponto de vista linguístico. Além disso, as informações apresentadas em materiais como a *Enciclopédia dos municípios brasileiros* (1968), publicada pelo IBGE, carecem de precisão, principalmente do ponto de vista linguístico.

No caso do município de Ipirá-BA, o IBGE (1968) apresenta a mudança estabelecida a partir do topônimo *Santana do Camisão*, que passou a denominar-se *Ipirá* pelo Decreto estadual n.º 7 521, de 20 de julho de 1931. Correia (2017), por outro lado, considera que a mudança se deu a partir do topônimo *Camisão*. Segundo a autora o histórico completo de nomeação do lugar é o seguinte: *Camisão* (1755) > *Sant'Ana do Camisão* (1855) > *Camisão* (1896) > *Ipirá* (1931). A afirmação da autora é corroborada por uma publicação do jornal *Mundo Novo* de 14-08-1931:

Figura 2: Publicação do jornal Mundo Novo de 14-08-1931.



Fonte: Acervo do escritor.

Quanto à classificação taxonômica, Correia (2017) apresenta o seguinte histórico: *Camisão* (ergotopônimo) > *Sant'Ana do Camisão* (hagiotopônimo) > *Camisão* (ergotopônimo) > *Ipirá* (hidrotopônimo). Os ergotopônimos, segundo Dick (1992, p. 33, grifo da autora), são “topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: flecha: córrego da Flecha (MT); jangada: Jangada (AH MT); relógio: Relógio (AH PR)”. A hipótese mais difundida sobre a origem do designativo *Camisão* é a de que o município havia surgido por conta do seu primeiro habitante, o homem do camisão, que “se vestia com um trajo camisolão, de algodão, confeccionado de maneira rústica” (SANTOS, 2003, p. 30). No entanto, segundo o IBGE (1958, p. 284) a origem do nome primitivo do lugar “está ligada à aldeia Camisão, não encontrando apoio na documentação histórica a versão popular de que, por ter vivido ‘o homem do camisão’, daí se tenha originado o topônimo inicial”.

Nos textos do escritor Eulálio Motta, publicados no jornal *O Serrinhense*, editado no município de Serrinha-Ba, há uma variação no uso dos topônimos *Camisão* e *Ipirá*. Os textos foram publicados no mesmo ano e em meses próximos, conforme pode ser observado na Tabela 2:

Tabela 2: Ocorrências dos topônimos *Ipirá* e *Camisão* nos textos.

Topônimo	Ocorr.	Texto	Contexto	Periódico	Data
<i>Ipirá</i>	2	<i>Candidatos a Governo, tomem nota disto!</i>	“Pois bem: quando chegamos a <b>Ipirá</b> , nova interrupção”.  “[...] resolvera não almoçar em Feira, deixou para almoçar em <b>Ipirá!</b> ”	<i>O Serrinhense</i>	19-08-1950
<i>Camisão</i>	1	<i>Transporte</i>	“Durante um certo curto período de quinze anos, os trilhos ficaram parados em Barra e a estrada de rodagem estancada em <b>Camisão...</b> ”	<i>O Serrinhense</i>	15-07-1950

O fato das duas formas terem sido usadas pelo escritor em períodos próximos é um indício de que a variação pode ser livre ou de natureza diafásica. Nesse sentido, verificou-se os contextos em que os topônimos foram empregados e notou-se que a situação comunicativa em que a forma *Camisão* aparece apresenta o que pode ser uma especificação de uso. No texto o escritor menciona que “no tempo de meu avô, ir daqui á Feira de Sant’Ana era um problema difícil” e, em seguida, relata as dificuldades encontradas para a locomoção dentro do território baiano. Considerando esse aspecto, é possível pensar que o uso da forma *Camisão* se restringe a um contexto de referência temporal específico, ao referir-se ao *designatum* no período em que o topônimo mencionado era a principal forma designativa atuante.

Outra questão a ser observada é o fato da manchete do jornal *Mundo Novo* apresentar o topônimo *Camisão* entre parênteses, como um subtítulo, enquanto no texto do escritor em que o mesmo topônimo aparece não há nenhum tipo de nota informando que se trata de um antigo designativo para o município de Ipirá-BA. A presença desse elemento

paratextual na publicação do jornal *Mundo Novo*, acontece pelo fato dos leitores do periódico desconhecerem o topônimo novo, recentemente criado, necessitando de uma explicação para entender do que se tratava a manchete. A ausência de uma nota explicativa no texto publicado no jornal *O Serrinhense*, por outro lado, pode ser interpretada como uma confirmação de que o designativo ainda era conhecido na região.

## 5. Considerações finais

A filologia pode contribuir de diversas formas para os estudos toponímicos: permitindo o acesso a dados linguísticos confiáveis, o processamento automático desses dados e o levantamento de informações contextuais que auxiliem na interpretação da nomeação, variação e mudança toponímica. No caso dos textos impressos, as informações dos paratextos são de grande relevância para uma descrição mais detalhada do histórico de designativos de um lugar, que não é plenamente abordado pelos órgãos oficiais. Por isso, a preparação de um *corpus toponymicum* paralelo que considere outros textos publicados nos periódicos podem auxiliar na confirmação de hipóteses sobre a dinâmica dos topônimos nos textos do escritor Eulalio Motta.

A análise realizada demonstrou a necessidade de uma revisão do histórico oficial de topônimos do município de Ipirá-BA apresentado pelo IBGE (1968), tanto do ponto de vista da quantidade de designativos, quanto da sua datação e grafia. Foi possível notar também que existem casos complexos de toponímia paralela que precisam ser descritos pelos toponimistas, como ocorre com *Camisão*, que aparenta ter seu uso restrito a contextos discursivos específicos após o período da sua substituição. Para comprovar essa hipótese, é preciso expandir a pesquisa para os paratextos nos periódicos editados e para outras fontes documentais, com o intuito de ampliar o *corpus toponymicum* e registrar outros contextos de uso do topônimo por outros escreventes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARADO, Maite. *Paratexto*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1994.

BARREIROS, Liliane L. S.; BARREIROS, Patrício N. Estudo toponímico em Bahia Humorística de Eulálio Motta. In: *Cadernos do CNFL* (CiFEFil), V. 20, p. 235-48, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da História Cultural das práticas de escrita na edição de textos. In: *Alea: Estudos Neolatinos*. Brasil, V. 19, n. 2, p. 389-414, 2017.

\_\_\_\_\_. *O Pasquineiro da roça*: edição dos panfletos de Eulálio Motta. Orientador: Célia Marques Telles. 2013. 386f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CORREIA, Clese Mary P. *Bahia de todos os cantos e recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. Orientadora: Celina Márcia de Souza Abbade. 2017. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

DICK, M. Vicentina de P. do A. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. Vicentina de P. do A. *Toponímia e antroponímia do Brasil*: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

FRANCISQUINI, Ignez de A. *O nome e o lugar*: Uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí. 1998. 255p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina-PR, 1998.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos*: La literatura en segundo grado. Trad. de Celia Fernández Prieto. Madrid: Taurus, 1989, [1962].

\_\_\_\_\_. *Paratextos editoriais*. Trad. de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009 [1987].

IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. V. XX. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1958.

ISQUERDO, Aparecida N. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996, 409p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo, 1996.

SANTIAGO, Iago. *Estudo toponomástico nos textos de Eulálio Motta publicados no jornal Mundo Novo*. Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

SANTOS, Dilemar C. *A saga do Camisã rumo a Ipirá: história do Camisã desde o século XVI aos dias de 2003*. Feira de Santana: Editora Gráfica Radami, 2003.

STWART, George R. A classification of place names. In: *Names*. Berkeley, V. II (1), março de 1954.

TRAPERO, Maximiano. *Para una teoría lingüística de la toponimia: estudios de toponimia canaria*. Las Palmas de Gran Canaria: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1995.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE Nº 128/2008. Aprova o Projeto de Pesquisa Edição das Obras Literárias Inéditas de Eulálio de Miranda Motta, sob a coordenação do Prof. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 27 ago. 2008.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE Nº 070/2016. Aprova o Projeto de Pesquisa Edição das Obras Inéditas de Eulálio de Miranda Motta (IV Etapa), sob a coordenação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade, financiado pela FAPESB. Feira de Santana-BA: D.O.E., 2 set. 2016.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE Nº 137/2017. Aprova o Projeto de Pesquisa *Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta*, sob a coordenação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 12 dez. 2017.